



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ROTEIRO DE ATIVIDADES – Versão do Professor

1º ciclo do 2º bimestre da 2ª série

**Eixo bimestral: CONTO E ROMANCE NO REALISMO E NATURALISMO /
ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Leandro N. Cristino

Conteudistas

Simone Lopes

Vanessa Brito

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2014



TEXTO GERADOR I

Na segunda metade do século XIX, surge o Realismo, um estilo literário que se opõe ao egocentrismo, à subjetividade e à fuga da realidade, características tipicamente românticas. Um exemplo disso é a obra “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, em que o “defunto autor” Brás Cubas explica sua própria morte e reflete sobre vários episódios de sua vida. Ao mesmo tempo em que mostra sua realidade pessoal, o narrador deixa ver uma abordagem crítica do contexto social e histórico anterior à abolição da escravatura. Segue abaixo o capítulo “A herança”, fragmento em que o autor apresenta o jogo de interesses em família após a morte do pai.

A HERANÇA

Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai, minha irmã sentada num sofá, — pouco adiante, o Cotrim, de pé, encostado a um **consolo**, com os braços cruzados e a morder o bigode, — eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado. Profundo silêncio.

— Mas afinal, disse Cotrim; esta casa pouco mais pode valer de trinta contos; demos que valha trinta e cinco...

— Vale cinquenta, ponderei; Sabina sabe que custou cinquenta e oito...

— Podia custar até sessenta, tomou Cotrim; mas não se segue que os valesse, e menos ainda que os valha hoje. Você sabe que as casas, aqui há anos, baixaram muito. Olhe, se esta vale os cinquenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campo?

— Não fale nisso! Uma casa velha.

— Velha! exclamou Sabina, levantando as mãos ao tecto.

— Parece-lhe nova, aposto?

— Ora, mano, deixe-se dessas **cousas**, disse Sabina, erguendo-se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade, e com **lisura**. Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleiro de papai e o Paulo...

— O boleiro não, acudi eu; fico com a **sege** e não hei de ir comprar outro.

— Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio.

— O Prudêncio está livre.

— Livre?

— Há dous anos.

— Livre? Como seu pai arranjava estas cousas cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata... creio que não libertou a prata?

Tínhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de Dom José I, a porção mais grave da herança, já pelo **lavor**, já pela **vetustez**, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o Conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luís Cubas.

— Quanto à prata, continuou o Cotrim, eu não faria questão nenhuma, se não fosse o desejo que sua irmã tem de ficar com ela; e acho-lhe razão. Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentável. Você é solteiro, não recebe, não...

— Mas posso casar.

— Para quê? interrompeu Sabina.

Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fez esquecer os interesses. Sorri; peguei na mão de Sabina, bati-lhe levemente na palma, tudo isso com tão boa sombra, que o Cotrim interpretou o gesto como de **aquiescência**, e agradeceu-me.

— Que é lá? **redargui**; não cedi cousa nenhuma, nem cedo.

— Nem cede?

Abanei a cabeça.

— Deixa, Cotrim, disse minha irmã ao marido; vê se ele quer ficar também com a nossa roupa do corpo, é só o que falta.

— Não falta mais nada. Quer a **sege**, quer o **boleiro**, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais sumário citar-nos a juízo e provar com testemunhas que Sabina não é sua irmã, que eu não sou seu cunhado, e que Deus não é Deus. Faça isto, e não perde nada, nem uma colherinha. Ora, meu amigo, outro **ofício**!

Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata. Riu-se e perguntou-me a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de **liquidar** a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina fora até a janela que dava para a chácara, — e depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas o Cotrim adiantou-se e disse a mesma **cousa**.

— Isso nunca! não faço esmolos! disse ele.

Jantamos tristes. Meu tio **cônego** apareceu à sobremesa, e ainda presenciou uma pequena **altercação**.

— Meus filhos, disse ele, lembrem-se que meu irmão deixou um pão bem grande para ser repartido por todos.

Mas Cotrim:

— Creio, creio. A questão, porém, não é de pão, é de manteiga. Pão seco é que eu não engulo.

Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo-lhes que, ainda assim, custou-me muito a brigar com Sabina. Éramos tão amigos! Jogos pueris, fúrias de crianças, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, irmãmente, como bons irmãos que éramos. Mas estávamos brigados. Tal qual a beleza de Marcela, que se esvaiu com as bexigas.

(ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2008, p. 72-74. Texto adaptado.)

Altercação: bate-boca, contestação.
Aquiescência: consentimento.
Boleiro: pessoa que dirige as carruagens, cocheiro.
Cônego: título do sacerdote que é membro da corporação de uma catedral.
Consolo: móvel de sala.
Lavor: trabalho manual, ornado em relevo.
Liquidar: resolver questão.
Lisura: falta de dinheiro.
Ofício: obrigação, incumbência, dever.
Redargui: respondeu, revidou.
Sege: Antiga carruagem com duas rodas e um só assento, fechada com cortinas na frente.
Vetustez: característica de muito velho.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

No capítulo “A herança”, Machado de Assis descreve de uma maneira crítica e irônica o comportamento de Brás Cubas, o modo de agir da irmã Sabina e do cunhado Cotrim perante a partilha da herança de seu pai, trazendo à tona olhares de cobiça, de ganância, de competição e de interesse por um bem material. Além disso, há um tom de crítica à escravidão, revelado pelas atitudes dos personagens a respeito dos negros Paulo e Prudêncio. Diante disso, responda:

- Explique o interesse de Sabina e Cotrim pela prataria da família.
- Explique os parágrafos do texto que mostram como Brás Cubas, Sabina e Cotrim se referem aos negros Paulo e Prudêncio.

Habilidade trabalhada: Relacionar a literatura realista/naturalista ao contexto sócio-histórico.

Resposta comentada

A. Antes de responder à primeira questão, o professor pode comentar sobre a importância dada à prataria como um legado de família. Segundo o próprio Brás Cubas, essa seria a parte mais grave da herança, considerando seu valor, o tempo de uso e a quem pertenceu no passado, apontando um fragmento e tópicos que sintetizam os principais aspectos:

A IMPORTÂNCIA DA PRATA	
<p>Tínhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de Dom José I, a porção mais grave da herança, já pelo valor, já pela vetustez, já pela origem da propriedade; dizia meu pai que o Conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a dera de presente a meu bisavô Luís Cubas. (15º parágrafo)</p>	<ul style="list-style-type: none">a) A posição social da burguesia;b) O trabalho de fazer as peças e joias de prata;c) Bem da família de Brás Cubas, um legado que passa do Conde para o bisavô, o avô, o pai e, posteriormente, para os filhos;d) Quanto mais antigo, mais valorizado.

Na leitura desse quadro, é importante contextualizar a situação do capítulo “A herança”, considerando que o pai de Sabina e de Brás Cubas era um senhor de terras, que vivia do rendimento do trabalho dos escravos. Após sua morte, há uma disputa pela prataria que, na verdade, era um conjunto de utensílios de copa provavelmente banhados em prata (“Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentável.”). Essa disputa mostra a valorização de um bem material como índice social, o que serve de denúncia do mundo burguês das aparências, no qual a ostentação de riqueza e prestígio é o mais importante.

Depois disso, o professor pode destacar os parágrafos que mostram o interesse de Sabina e seu marido pela prataria para manter o *status* social de filha rica e genro de um senhor de terras. É interessante mostrar a rede de negociações entre os personagens para tomar a posse dessa prataria, visto como algo muito valioso. Para isso, pode ser

apresentado o diálogo entre Sabina, Brás Cubas e Cotrim sobre a preferência dada a quem é casado em detrimento de quem é solteiro.

DISCUSSÃO: A PRATA FICA COM OS CASADOS	
<p>— Quanto à prata, continuou o Cotrim, eu não faria questão nenhuma, se não fosse o desejo que sua irmã tem de ficar com ela; e acho-lhe razão. Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentável. Você é solteiro, não recebe, não...</p> <p>— Mas posso casar.</p> <p>— Para quê? interrompeu Sabina.</p> <p>Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fez esquecer os interesses. Sorri; peguei na mão de Sabina, bati-lhe levemente na palma, tudo isso com tão boa sombra, que o Cotrim interpretou o gesto como de aquiescência, e agradeceu-me.</p> <p>— Que é lá? redargui; não cedi coisa nenhuma, nem cedo.</p> <p>— Nem cedo?</p> <p>Abanei a cabeça.</p> <p>— Deixa, Cotrim, disse minha irmã ao marido; vê se ele quer ficar também com a nossa roupa do corpo, é só o que falta.</p> <p style="text-align: right;">(Parágrafos: 16º ao 24º)</p>	<p>Ambição de Cotrim:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O uso do argumento que Sabina é casada e precisa de uma copa apresentável. <p>Ambição de Sabina:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Questionamento sobre o possível casamento de Brás Cubas, disputa pela prataria; • Briga de Sabina com o irmão, transmitindo implicitamente que o irmão é ganancioso e quer ficar com tudo, até mesmo a roupa do corpo.

B. Para responder à segunda questão, é importante esclarecer a estrutura escravocrata, os grandes senhores de terras, o negro ainda visto como coisa, como objeto, discutido como parte da herança às portas da abolição da escravatura (1889). É interessante mostrar a reação de Sabina e seu marido quando descobrem que Prudêncio fora liberto. Vale destacar, com os alunos, o fragmento que segue na próxima página.

REAÇÃO DE SABINA E COTRIM DIANTE DA LIBERTAÇÃO DE PRUDÊNCIO	
<p>— Ora, mano, deixe-se dessas cousas, disse Sabina, erguendo-se do sofá; podemos arranjar tudo em boa amizade, e com lisura. Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleeiro de papai e o Paulo...</p> <p>— O boleeiro não, acudi eu; fico com a sege e não hei de ir comprar outro.</p> <p>— Bem; fico com o Paulo e o Prudêncio.</p> <p>— O Prudêncio está livre.</p> <p>— Livre?</p> <p>— Há dous anos.</p> <p>— Livre? Como seu pai arranjava estas cousas cá por casa, sem dar parte a ninguém! Está direito. Quanto à prata... creio que não libertou a prata?</p> <p style="text-align: right;">(Parágrafos: 8º ao 14º)</p>	<p>Sabina trata Paulo e Prudêncio como mercadorias, já que, na partilha da herança, deseja ficar com eles, mas é advertida por Brás Cubas que revela sobre a libertação de Prudêncio, deixando-os irritados. Ambicioso, Cotrim questiona sobre a prataria.</p>

Para explicitar o preconceito de Sabina, o professor pode explicar que a irmã de Brás Cubas tenta negociar a troca de Paulo e outro negro pelo conjunto de prata, tratando-os como mercadoria, como pode ser percebido no seguinte trecho:

TRATAMENTO DE PAULO COMO MERCADORIA	
<p>Estava tão agastado, e eu não menos, que entendi oferecer um meio de conciliação; dividir a prata. Riu-se e perguntou-me a quem caberia o bule e a quem o açucareiro; e depois desta pergunta, declarou que teríamos tempo de liquidar a pretensão, quando menos em juízo. Entretanto, Sabina fora até a janela que dava para a chácara, — e depois de um instante, voltou, e propôs ceder o Paulo e outro preto, com a condição de ficar com a prata; eu ia dizer que não me convinha, mas o Cotrim adiantou-se e disse a mesma cousa.</p> <p>— Isso nunca! não faço esmolos! disse ele.</p> <p style="text-align: right;">(Parágrafos: 26º e 27º)</p>	<p>Brás Cubas tenta dividir a prataria como meio de conciliação, mas, com ganância e preconceito, Sabina propõe a troca de Paulo e outro escravo negro. Brás Cubas e Cotrim não aceitam.</p>

Depois de ler esses trechos, vale ressaltar que o capítulo “A herança” mostra claramente a estética realista, já que em sua abordagem, não há idealizações, exageros românticos na expressão de sentimentos, mas sim uma apresentação crítica de uma sociedade que ainda vivia o período da escravidão¹.

O capítulo mostra os personagens negros concebidos como mercadorias de troca, reduzidos à condição de objetos partilhados entre herdeiros. O comportamento dos personagens Sabina e Cotrim revela uma postura arcaica face aos primeiros debates abolicionistas. Contudo, o casal reflete os interesses de manutenção de sua posição social privilegiada o que, portanto, é totalmente coerente. É essa postura que explica a insistência na disputa pelo jogo de prata e a surpresa ao descobrir a libertação de um escravo, o que na prática significava abrir mão de um valioso bem material.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 2

Machado de Assis quebra as expectativas ao promover uma inversão temporal que faz a narrativa de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” começar pelo óbito de seu protagonista. Outra marca inovadora presente no romance é que o “defunto autor” criado por Machado mantém um diálogo com o leitor.

A partir disso, volte ao texto gerador I e observe o modo como o narrador-personagem Brás Cubas revela seus sentimentos e como, em dadas passagens, parece estabelecer uma conversa com o leitor.

¹ Para mais informações sobre a escravidão na obra machadiana, é recomendável a leitura do artigo “Escravidão em Machado de Assis: uma análise da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Daniel do Val Cosentino e Rafaela Rodrigues da Silva Carvalho, disponível em: http://www.cihe.fflch.usp.br/sites/cihe.fflch.usp.br/files/Rafaela_Carvalho.pdf.

Em seguida, responda às questões:

- A) Comente a abordagem psicológica neste romance.
- B) Identifique os recursos usados pelo autor para dialogar com o leitor.

Habilidade trabalhada: Relacionar os modos de organização da linguagem na literatura às escolhas do autor, à tradição literária e também ao contexto social da época.

Resposta comentada:

A. Para responder a essa questão pode-se explicar que a obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” apresenta rara abordagem psicológica, uma inegável marca do Realismo machadiano. Na narrativa, temos um defunto autor comentando a sua morte, seu nascimento, sua velhice até chegar ao legado da miséria sem filhos, como ele próprio declara. Além disso, há vários pensamentos do “defunto autor” sobre temas relacionados à sociedade e à família, como o amor por interesse, os vínculos afetivos depois da morte de um ente querido, uma discussão em família e recordações da infância. É fácil observar como todos esses temas estão, de algum modo, presentes no conflito gerado durante a disputa pela herança do pai, como ocorre no capítulo em análise.

Vale observar ainda que o narrador-personagem, agora morto, poderia comentar com isenção de culpa ou vaidade sobre qualquer assunto e é com esta prerrogativa de verdade absoluta – ao menos em tese – que acompanhamos a narrativa. Em cada detalhe apresentado, em cada gesto dos personagens destacado e em cada situação contada, Brás Cubas revela seus sentimentos e permite ao leitor ver os erros e acertos que teve na vida.²

² Para auxiliar o trabalho com esta narrativa, é possível usar o filme Memórias Póstumas de Brás Cubas (2001), de André Klotzel. O trailer está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OxlSOkN18qk>. Nas Orientações Pedagógicas deste ciclo, há outras sugestões de filmes e produções que dialogam com a obra de Machado de Assis.

Como forma de síntese, o professor pode apresentar e comentar com os alunos o seguinte quadro:

A ABORDAGEM PSICOLÓGICA EM “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”
<p>Características:</p> <ul style="list-style-type: none">• O início da narrativa começa com o desfecho da morte, não seguindo uma cronologia tradicional;• A quebra da sequência linear só pode ser colocada dentro do aspecto psicológico, se levarmos em conta que a narrativa segue o fluxo do pensamento de Brás Cubas e que, pelo fato de já estar morto, não precisaria mais omitir nenhum detalhe de sua vida. Em síntese, poderíamos acreditar nele, porque a morte o livrou de qualquer culpa ou remorso, tornando-o mais honesto e confiável;• O próprio defunto conta sua história ao leitor;• O narrador defunto observa tudo o que ocorre e, por meio de diálogos, esclarece ao leitor os pensamentos e atitudes dos personagens, contribuindo para uma reflexão crítica da sociedade da época;

B. A fim de responder a essa questão, é preciso explicar que o “defunto autor” usa o modo Imperativo, o tom crítico e irônico e a referência explícita ao leitor. No fragmento de “A herança”, Machado de Assis se dirige ao leitor, compartilhando suas experiências após a morte do pai. Para isso, usa o personagem Brás Cubas na apresentação do cenário e do comportamento dos personagens que, aparentemente, sofrem como se tivessem num velório.

Para criar um elo maior com o leitor, o autor o inclui na situação comunicativa, criando um diálogo por meio do verbo flexionado na terceira pessoa do singular no modo Imperativo “Veja” (você, o leitor) e da menção ao termo “leitor”, não como vocativo, mas

como sujeito da oração “Veja-nos agora o leitor” (na ordem direta: O leitor nos veja agora), como é expresso no quadro abaixo:

RECURSOS USADOS PARA O DIÁLOGO COM O LEITOR: O MODO IMPERATIVO E O TERMO LEITOR
<p>“Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pai, minha irmã sentada num sofá, — pouco adiante, o Cotrim, de pé, encostado a um consolo, com os braços cruzados e a morder o bigode, — eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado. Profundo silêncio”.</p> <ul style="list-style-type: none">• Uso do Modo Imperativo do verbo em “Veja-nos”;• Uso do termo leitor.

Outro exemplo do fragmento “A herança” apresenta diálogo com o leitor por meio do verbo flexionado no presente do indicativo associado ao pronome pessoal átono “lhes”, fazendo mais uma vez referência ao leitor:

RECURSOS USADOS PARA O DIÁLOGO COM O LEITOR: O VERBO DIZER E O PRONOME PESSOAL “LHES”
<p>“Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados. E digo-lhes que, ainda assim, custou-me muito a brigar com Sabina. Éramos tão amigos! Jogos pueris, fúrias de crianças, risos e tristezas da idade adulta, dividimos muita vez esse pão da alegria e da miséria, irmãmente, como bons irmãos que éramos. Mas estávamos brigados. Tal qual a beleza de Marcela, que se esvaiu com as bexigas” (Último parágrafo).</p> <ul style="list-style-type: none">• O verbo em primeira pessoa do singular “digo”, tendo o personagem Brás Cubas como sujeito, associado ao pronome pessoal oblíquo átono “lhes”, referindo-se aos leitores; <p>Na conversa com o leitor, Brás Cubas desabafa sobre sua relação com Sabina na infância, em contraste com a sua tristeza na idade adulta após a disputa pela prataria do falecido pai.</p>

Por fim, vale destacar aos alunos que há diversos momentos de diálogo do narrador-personagem machadiano com o leitor nesta obra. Esse aspecto, de fato, tornou-se um traço de grande importância no estilo do autor, marcado por fina ironia e humor requintado.

TEXTO GERADOR II

“Dom Casmurro” (1899) é considerado um dos romances mais importantes da literatura brasileira. Machado de Assis consegue fazer de uma história banal uma grande obra. A narrativa de um menino apaixonado por sua amiga de infância e que rejeita a ideia de se tornar padre, como queria sua mãe, dará início a um texto de construção delicada, marcado por rara sondagem psicológica. No fragmento a seguir, o narrador-personagem Bentinho tenta encontrar uma forma para descrever os olhos de Capitu, sua primeira amiga e que se torna o grande amor de sua vida.

OLHOS DE RESSACA

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o **agregado**, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

— Está na sala, penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho de **pataca** (perdoai a barateza), comprado a um **mascate** italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta:

— Há alguma coisa?

— Não há nada, respondi; vim ver você antes que o Padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite?

— Eu bem. José Dias ainda não falou?

— Parece que não.

— Mas então quando fala?

— Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longe, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...

— Que tem, tem, interrompeu Capitu. E se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem sei se José Dias poderá influir tanto; acho que fará tudo, se sentir que você realmente não quer ser padre, mas poderá alcançar?... Ele é atendido; se, porém... É um inferno isto! Você teime com ele, Bentinho.

- Teimo; hoje mesmo ele há de falar.
- Você jura?
- Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinham-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana **oblíqua e dissimulada**". Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de **ressaca**? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas **pêndulas**; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o gozo aos bem-aventurados do céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno. Este outro suplício escapou ao divino **Dante**; mas eu não estou aqui para emendar poetas. Estou para contar que, ao cabo de um tempo não marcado, agarrei-me definitivamente aos cabelos de Capitu, mas então com as mãos, e disse-lhe, — para dizer alguma coisa, — que era capaz de os pentear, se quisesse.

- Você?
- Eu mesmo.
- Vai embaraçar-me o cabelo todo, isso sim.
- Se embaraçar, você desembaraça depois.
- Vamos ver.

(ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Klick Editora, 1999. p.p. 70-72.)

Agregado: que vive em uma casa como pessoa da família.

Pataca: antiga moeda de prata.

Mascate: ambulante que percorre as ruas vendendo coisas.

Tosca: sem refinamento, grosseiro.

Oblíqua: que disfarça os sentimentos.

Dissimulada: que não demonstra o que sente ou o que pensa.

Ressaca: movimento brusco da onda do mar.

Pêndulas: corpo pesado que oscila preso em um ponto fixo.

Dante: poeta italiano.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 3

Nos textos, é comum que o narrador utilize descrições para nos fazer conhecer as personagens, o tempo e o espaço. Para isso, ele pode lançar mão de duas formas de descrição: a objetiva e a subjetiva. A primeira funciona como um “retrato verbal”, ou seja, mostra algo com precisão, de modo concreto, sem a emissão de juízos de valor. Já na descrição subjetiva, as impressões pessoais e o envolvimento do narrador com o objeto descrito transparecem, revelando como ele percebe, sente e encara a realidade.

A partir da leitura e observação da passagem abaixo, identifique e comente o tipo de descrição utilizada pelo narrador para falar a respeito do olhar de Capitu.

“Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.”

Habilidade trabalhada: Caracterizar os processos de descrição objetiva e subjetiva, diferenciando-as.

Resposta comentada

Para realizar a questão, o aluno precisa ter compreendido as duas formas de descrição. Ele, então, terá condições de observar que o narrador-personagem Bentinho fala dos olhos de Capitu do modo como os percebe. Não há intenção de retrato ou

objetividade, mas clara emissão de juízo de valor. Na verdade, a turma poderá notar, sem dificuldades, que o trecho acima revela alguém com fortes sentimentos, apaixonado mesmo. Afinal, quem mais poderia descrever os olhos de Capitu daquela forma? Esse é um importante aspecto a ser destacado, pois a descrição subjetiva é única e não se repete, diferente da objetiva que, concreta e precisa, dificilmente poderá ser desmentida. Nesse momento, o professor pode convidar os alunos a imaginar como seriam os olhos de Capitu. Grandes ou pequenos? Verdes, castanhos ou azuis? De cílios longos ou curtos? Quaisquer dessas respostas corresponderiam a uma descrição objetiva, pois tais informações seriam verificáveis por qualquer um. Entretanto, o comentário de Bentinho é único, influenciado pelo sentimento que o personagem nutre por Capitu. Para aprofundar ainda mais o trabalho com a questão, é possível fazer uma comparação entre a descrição subjetiva presente no trecho destacado e uma objetiva, observada no mesmo texto gerador.

*“Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era **um espelhinho de pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas.**”*

É fácil perceber que, no fragmento acima, o espelho é descrito de forma objetiva. O professor pode destacar aos alunos como seria simples desenhar esse objeto ou, se fosse o caso, localizá-lo no mundo real. A partir daí, é importante salientar os procedimentos utilizados nas duas descrições. Enquanto no segundo caso, os adjetivos escolhidos dão conta da forma, material e localização do objeto, ao falar dos olhos de Capitu, o narrador recorre a uma figura de linguagem. A comparação, a metáfora, a metonímia e até a sinestesia podem ser empregadas para gerar efeitos que transmitam a emoção de quem descreve. Outro procedimento bem simples é inverter a ordem do sintagma, colocando o adjetivo antes do substantivo. Uma “mulher bela” (objetiva) é diferente de uma “bela mulher” (subjetiva).

Indo um pouco além do texto gerador, talvez valha comentar com os alunos que, durante toda a obra, o narrador não nos dá descrições concretas de Capitu. Sempre que se refere a ela, a descrição passa a ser carregada de emoção, das impressões pessoais de

Bentinho, fazendo-nos notar seu íntimo e seu sentimento por ela. Observe outro trecho da narrativa que corrobora isso: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda não o disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição.” (p.67). No trecho, a tautologia sintetiza a singularidade dessa personagem, considerada uma das figuras femininas³ mais emblemáticas da literatura brasileira.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

No texto gerador II, vemos que, a partir da definição de José Dias em relação aos olhos de Capitu, Bentinho resolve observá-los para ver a impressão que lhe causavam. Considerando os adjetivos e os verbos empregados, responda:

Qual a diferença entre as opiniões de José Dias e de Bentinho sobre o olhar de Capitu?

Habilidade trabalhada: Reconhecer a carga semântica de afetividade, de crítica ou de ironia no emprego de verbos e adjetivos.

Resposta comentada

Para atender à questão, primeiramente o aluno deve observar que, para José Dias, os olhos de Capitu são “de cigana oblíqua e dissimulada”. Mas o que isso quer dizer? É a pergunta que o próprio Bentinho parece se fazer. Para auxiliar nessa reflexão, o professor pode mostrar o significado desses adjetivos. Segundo o dicionário, dissimulado é uma pessoa hipócrita, que tem por hábito fingir. O verbo, por sua vez, significa ocultar ou

³ Para avançar na reflexão acerca do romance e da dúvida que tanto atormenta o personagem Bentinho em relação à Capitu, o professor pode exibir uma charge para os alunos. A charge está disponível em: <http://radiotirana.blogspot.com.br/2010/11/marco-jacobsen-resolve-o-misterio-de.html>

encobrir com astúcia; disfarçar. Já oblíquo é o indivíduo malicioso, dissimulado, ardiloso, sinuoso. Assim, fica claro para o aluno que os adjetivos oblíqua e dissimulada da definição de José Dias insinuam que Capitu é falsa, mentirosa, ou seja, essas palavras sintetizam uma crítica ao comportamento ou à personalidade de Capitu.

Bentinho, no entanto, depois de conferir longamente os olhos da amiga, parece chegar a uma conclusão diferente. Na fala do padrinho, os adjetivos utilizados revelam a opinião de alguém que poderia até conhecer razoavelmente Capitu, mas que não teria nenhuma afeição especial por ela. Já no caso de Bentinho, a própria dificuldade em encontrar uma forma de expressar o que contemplou por tanto tempo já demonstra um envolvimento afetivo. A passagem “Retórica dos namorados, **dá-me uma comparação** exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu” é clara. E o narrador prossegue rendendo-se diante dessa dificuldade: “**Não me acode imagem capaz de dizer**, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram.” Os olhos de Capitu são, então, comparados à ressaca do mar. Eles possuiriam um “fluido **misterioso e enérgico**” e uma “força que **arrastava** para dentro”. O professor pode destacar essas palavras aos alunos e solicitar que eles tentem expressar o que entenderam. Certamente, as respostas orbitarão em torno das ideias de envolvimento e sedução. Com efeito, os adjetivos e verbo empregados por Bentinho podem traduzir fascínio ou paixão. Além disso, vale notar que tais palavras não qualificam moralmente Capitu, como fez José Dias, um personagem mais maduro e não comprometido por suas emoções.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

A **regência** de um verbo ou de um nome é a relação que existe entre dois termos – regente e regido – em que se poderá exigir ou não a presença de uma preposição. Observe que na passagem “Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram.”, podemos observar a regência nominal do adjetivo capaz, que exige um complemento com preposição: “de dizer” (o que eles foram e me

fizeram). Ainda no mesmo fragmento, podemos observar o caso de um verbo cuja regência exige um complemento preposicionado: o verbo acudir em “Não me acode imagem”. Observa-se que o complemento verbal “me” é um pronome oblíquo que atua como objeto indireto, podendo ser substituído por “a mim”, em cuja estrutura se evidencia a preposição “a”.

A partir disso, releia o parágrafo 15, que se inicia com “Retórica dos namorados” e atente para o contexto semântico, ou seja, para as ideias desenvolvidas naquele parágrafo. Em seguida, observe a seguinte sequência:

*“**agarrei-me** às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros”.*

Compare-a a esta outra sequência, retirada de outra passagem do mesmo romance:

*“Capitu **agarrou-me**, mas, ou por temer que eu acabasse fugindo, ou por negar de outra maneira, correu adiante e apagou o escrito.”*

Em cada uma das sequências, o verbo **agarrar** está utilizado com regência diversa, ou seja, exigindo complemento com preposição em um caso, e sem preposição no outro. Na primeira, está funcionando como transitivo indireto, regido pela preposição **a**, na segunda, está funcionando como transitivo direto, ou seja, complementa-se sem a necessidade do uso de preposição. Com base nisso, responda:

A) Identifique os sentidos que o uso das regências distintas provoca em relação ao verbo agarrar.

B) Em relação à primeira sequência, explique a ausência do acento grave em “aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros”

Habilidade trabalhada: Identificar mecanismos linguísticos no uso da regência e da crase.

Resposta comentada

A. O aluno deve perceber a importância do contexto a fim de perceber as possibilidades de sentidos dos diversos termos empregados em um texto. No caso em questão, o verbo agarrar. Na primeira sequência, se observarmos o relato de Bentinho, perceberemos que agarrar-se às partes vizinhas foi a única solução encontrada por ele para não sentir-se “tragado” pelos olhos de Capitu. Assim, o verbo agarrar, ao ser utilizado como transitivo indireto, nesse contexto, indica prender-se a algo, porém não apenas isso, e sim prender-se a algo como última solução.

Utilizado como transitivo direto, mantém o sentido mais usual de prender-se a algo ou alguém, sem a nuance semântica conferida por seu uso transitivo indireto. Neste caso, dizer “Capitu agarrou-me” indica que Capitu prendeu-se a Bentinho. O professor poderá apresentar aos alunos outras possibilidades de alteração de sentido devido à mudança de regência, utilizando os seguintes verbos:

VTD Assistir	prestar auxílio:	O enfermeiro assistiu o doente
VTI Assistir a	ver, presenciar:	Cinquenta mil fiéis assistiram à última audiência pública do Papa
VTD Aspirar	sorver, sugar:	O aparelho conseguiu aspirar todos os pelos de gato
VTI Aspirar a	desejar, almejar, ansiar:	Sempre aspirou a um emprego público.
VTD Precisar	indicar com exatidão, particularizar	O rapaz precisou o lugar do encontro.
VTI Precisar de	ter necessidade	A família precisava de auxílio
VTD Reparar	Consertar	O técnico reparou o telefone.
VTI Reparar em	prestar atenção/ dar atenção	Era muito distraído. Não prestava atenção em nada./ Não repare nos modos dessa menina.

Ao exemplificar com as variações de sentido, o aluno atentará para a importância do conhecimento e consequente uso correto da regência.

Para mais estratégias sobre o trabalho com regência, o professor pode consultar o passo 1 da sequência didática 2 das Orientações Pedagógicas deste ciclo.

B. É preciso destacar para o aluno a importância de se compreender os diversos aspectos envolvidos nos critérios que definem o uso adequado do acento grave indicador da crase. Um dos critérios exige que se observe a regência do verbo ou do nome e, em seguida o gênero a que pertence o termo regido, para saber se admite o uso do artigo feminino, visto que a crase se define pela fusão de dois elementos iguais (preposição + artigo, por ex.). No caso em questão, existe o **A** que rege o verbo agarrar em sua versão transitiva indireta. Entretanto, como “braços” e “cabelos” são do gênero masculino e esse artigo aparece explícito em “aOs” , não ocorre a fusão que caracteriza a crase, dispensando-se, assim, o uso da acento grave. Essa percepção fica mais clara se substituirmos “aos braços” e “aos cabelos” por palavras femininas, caso em que ocorreria a crase, como por exemplo:

Agarrei-me às outras partes vizinhas, **às** orelhas, **à** cintura, **às** mãos, **às** madeixas espalhadas pelos ombros.

Note que o verbo agarrar, no sentido visto, exige a preposição **A**, que se associa ao artigo definido feminino **A** ou **AS** dos nomes utilizados, causando o fenômeno da crase, que vem marcada pelo uso do acento grave utilizado nos casos do exemplo acima:

Agarrei-me a → a cintura
 → as orelhas
 → as mãos
 → as madeixas

Para mais estratégias com o trabalho da crase, o professor pode voltar ao passo 2 da sequência didática 2 das Orientações Pedagógicas deste ciclo.

TEXTO GERADOR III

O terceiro gerador é um fragmento de “O Alienista”, texto de Machado de Assis publicado na coletânea “Papéis Avulsos” (1882). O protagonista dessa narrativa é o médico Simão Bacamarte que, dedicando-se aos estudos da mente humana, funda a Casa Verde, local para internação de seus pacientes. Embora alguns o considerem como novela, dada sua extensão, este texto integra o conjunto de contos célebres de Machado e, tal como tantas outras histórias do autor, é marcado pela ironia e humor ao refletir criticamente os hábitos da sociedade do século XIX.

O FINAL DO § 4º

(...)

Não só **findaram** as queixas contra o **alienista**, mas até nenhum ressentimento ficou dos atos que ele praticara; acrescento que os **reclusos** da Casa Verde, desde que ele os declarara plenamente ajuizados, sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e fervido entusiasmo. Muitos entenderam que o alienista merecia uma especial manifestação e deram-lhe um baile, ao qual se seguiram outros bailes e jantares. Dizem as crônicas que D. Evarista a princípio tivera ideia de separar-se do **consorte**, mas a dor de perder a companhia de tão grande homem venceu qualquer ressentimento de amor-próprio e o casal veio a ser ainda mais feliz do que antes.

(...)

Entretanto, a Câmara, que respondera o **ofício** de Simão Bacamarte com a **ressalva** de que oportunamente **estatuiria** em relação ao final do § 4º, tratou enfim de **legislar** sobre ele. Foi adotada, sem debate, uma postura, autorizando o alienista a **agasalhar** na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. E porque a experiência da Câmara tivesse sido dolorosa, estabeleceu ela a **cláusula** de que a autorização era **provisória**, limitada a um ano, para o fim de ser experimentada a nova teoria psicológica, podendo a Câmara antes mesmo daquele prazo mandar fechar a Casa Verde, se a isso fosse aconselhada por motivos de ordem pública. O vereador Freitas propôs também a declaração de que em nenhum caso fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados: cláusula que foi aceita, votada e incluída na postura, apesar das reclamações do vereador Galvão. O argumento principal deste magistrado é que a Câmara legislando sobre uma experiência científica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das consequências da lei; a exceção era odiosa e ridícula. Mal **proferira** estas duas palavras, romperam os vereadores em altos brados contra a audácia e insensatez do colega; este, porém, ouviu-os e limitou-se a dizer que votava contra a exceção.

— A **vereança**, concluiu ele, não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano.

Simão Bacamarte aceitou a postura com todas as **restrições**. Quanto à exclusão dos vereadores, declarou que teria profundo sentimento se fosse **compelido** a recolhê-los à Casa Verde; a cláusula, porém, era a melhor prova de que eles não **padeciam** do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Não acontecia o mesmo ao vereador Galvão, cujo acerto na objeção feita, e cuja moderação na resposta dada às **invectivas** dos colegas mostravam da parte dele um cérebro bem organizado; pelo que **rogava** à Câmara que lho entregasse. A Câmara sentindo-se ainda agravada pelo proceder do vereador Galvão, estimou o pedido do alienista e votou unanimemente a entrega.

Compreende-se que, pela teoria nova, não bastava um fato ou um dito para recolher alguém à Casa Verde; era preciso um longo exame, um vasto **inquérito** do passado e do presente. O padre Lopes, por exemplo, só foi capturado trinta dias depois da postura, a mulher do **boticário** quarenta dias. A **reclusão** desta senhora encheu o consorte de indignação. Crispim Soares saiu de casa **espumando de cólera** e declarando às pessoas a quem encontrava que ia arrancar as orelhas ao tirano. Um sujeito, adversário do alienista, ouvindo na rua essa notícia, esqueceu os motivos de **dissidência**, e correu à casa de Simão Bacamarte a participar-lhe o perigo que corria. Simão Bacamarte mostrou-se grato ao procedimento do adversário, e poucos minutos lhe bastaram para conhecer a **retidão** dos seus sentimentos, a boa-fé, o respeito humano, a generosidade; apertou-lhe muito as mãos, e recolheu-o à Casa Verde.

— Um caso destes é raro, disse ele à mulher **pasmada**. Agora esperemos o nosso Crispim.

Crispim Soares entrou. A dor vencera a raiva, o boticário não arrancou as orelhas ao alienista. Este consolou o seu privado, assegurando-lhe que não era caso perdido; talvez a mulher tivesse alguma lesão cerebral; ia examiná-la com muita atenção; mas antes disso não podia deixá-la na rua. E, parecendo-lhe vantajoso reuni-los, porque a **astúcia** e velhacaria do marido poderiam de certo modo curar a beleza moral que ele descobrira na esposa, disse Simão Bacamarte:

— O senhor trabalhará durante o dia na botica, mas almoçará e jantará com sua mulher, e cá passará as noites, e os domingos e dias santos.

A proposta colocou o pobre boticário na **situação do asno de Buridan**. Queria viver com a mulher, mas temia voltar à Casa Verde; e nessa luta esteve algum tempo, até que D. Evarista o tirou da dificuldade, prometendo que se incumbiria de ver a amiga e transmitiria os recados de um para outro. Crispim Soares beijou-lhe as mãos agradecido. Este último **rasgo** de egoísmo **pusilânime** pareceu **sublime** ao alienista.

Ao cabo de cinco meses estavam **alojadas** umas dezoito pessoas; mas Simão Bacamarte não **afrouxava**; ia de rua em rua, de casa em casa, **espreitando**, interrogando, estudando; e quando colhia um enfermo levava-o com a mesma alegria com que outrora os arrebanhava às dúzias. Essa mesma desproporção confirmava a teoria nova; achara-se enfim a verdadeira **patologia** cerebral. Um dia, conseguiu meter na Casa Verde o juiz-de- fora; mas procedia com tanto **escrúpulo** que o não fez senão depois de estudar **minuciosamente** todos os seus atos, e interrogar os principais da vila. Mais de uma vez esteve prestes a recolher pessoas perfeitamente desequilibradas; foi o que se deu com um

advogado, em quem reconheceu um tal conjunto de qualidades morais e mentais, que era perigoso deixá-lo na rua. Mandou prendê-lo; mas o agente, desconfiado, pediu-lhe para fazer uma experiência; foi ter com um compadre, demandado por um testamento falso, e deu-lhe de conselho que tomasse por advogado o Salustiano; era o nome da pessoa em questão.

— Então, parece-lhe?

— Sem dúvida, vá, confesse tudo, a verdade inteira, seja qual for, e confie-lhe a causa.

O homem foi ter com o advogado, confessou ter falsificado o testamento e acabou pedindo que lhe tomasse a causa. Não se negou o advogado; estudou os papéis, **arrazoou** longamente, e provou a todas as luzes que o testamento era mais que verdadeiro. A inocência do réu foi **solenemente proclamada** pelo juiz e a herança passou-lhe às mãos. O distinto **jurisconsulto** deveu a esta experiência a liberdade. Mas nada escapa a um espírito original e penetrante. Simão Bacamarte, que desde algum tempo notava o zelo, a **sagacidade**, a paciência, a moderação daquele agente, reconheceu a habilidade e o tino com que levava a cabo uma experiência tão melindrosa e complicada, e determinou recolhê-lo imediatamente à Casa Verde; deu-lhe, todavia, um dos melhores cubículos.

Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos; isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de **verídicos**, outra de símplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc. Naturalmente as famílias e os amigos dos reclusos **bradavam** contra a teoria; e alguns tentaram **compelir** a Câmara a **cassar** a licença. A Câmara, porém, não esquecer a linguagem do vereador Galvão, e, se cassasse a licença, vê-lo-ia na rua e **restituído** ao lugar; pelo que, recusou. Simão Bacamarte oficiou aos vereadores, não agradecendo, mas felicitando-os por esse ato de vingança pessoal.

(...)

(ASSIS, Machado de. **O Alienista**. In Contos Escolhidos. Coleção “Clássicos da Literatura”. São Paulo: Distribuição exclusiva Galex, p.39-86. Texto adaptado.)

Afrouxava: enfraquecia.

Agasalhar: hospedar.

Alienista: especialista em doenças mentais.

Alojadas: recolhidas.

Ao cabo: ao fim.

Arrazoou: discutiu.

Asno: tolo.

Astúcia: sagacidade.

Boticário: farmacêutico.

Bradavam: divulgavam em altas vozes.

Cassar: tornar nulo ou sem efeito; anular, cancelar, invalidar.

Cláusula: condição ou preceito que faz parte de um tratado, de um contrato ou de qualquer outro documento público ou particular.

Compelido: obrigado.

Compelir: obrigar.

Consorte: cônjuge; sentido de “marido” no texto.

Dissidência: divergência de opiniões.
Escrúpulo: zelo.
Espreitando: observando, analisando.
Espumando de cólera: possuindo furor violento.
Estatuiria: determinaria, regulamentaria por meio de estatuto.
Findaram: acabaram.
Invectivas: ataques violentos e injuriosos.
Inquérito: interrogatório.
Jurisconsulto: advogado perito na ciência do Direito e especializado em dar pareceres sobre questões jurídicas; jurisperito, jurista.
Legislar: estabelecer ou decretar leis.
Minuciosamente: detalhadamente.
Ofício: documento expedido pelas autoridades, associações e secretarias sobre assunto de serviço público ou particular.
Padeciam: sofriam.
Pasmada: admirada.
Patologia: ciência que estuda a origem, os sintomas e a natureza das doenças.
Proferira: pronunciara.
Proclamada: aclamada.
Provisória: temporária.
Pusilânime: covarde.
Rasgo: ímpeto.
Reclusão: prisão.
Reclusos: aqueles que se mantêm em lugar fechado.
Ressalva: nota em que se corrige um erro que passou no texto.
Restrições: limitações.
Retidão: integridade de caráter.
Restituído: repostado no estado anterior.
Rogava: suplicava.
Sagacidade: perspicácia.
Situação de asno de Buridan: situação de indecisão, conflito.
Solenemente: acompanhada de formalidades que a lei ou o costume impõem.
Sublime: grandioso, extraordinário.
Vereança: cargo de vereador.
Verídicos: que dizem a verdade.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 6

O conto “O alienista”, de Machado de Assis, tem como protagonista Simão Bacamarte, médico que dedicou sua vida ao estudo da loucura humana. Com autorização da Câmara Municipal, Bacamarte constrói a Casa Verde, local de internação para seus pacientes.

No fragmento abaixo, pode-se perceber uma situação irônica, envolvendo a Casa Verde, o vereador Galvão e o pensamento de Simão Bacamarte. Explique a relação irônica entre adjetivos e verbo destacados no trecho abaixo, contextualizando com a situação política e social expressa na obra de Machado de Assis:

Simão Bacamarte aceitou a postura com todas as restrições. Quanto à exclusão dos vereadores, declarou que teria *profundo sentimento* se fosse compelido a recolhê-los à Casa Verde; a cláusula, porém, era a melhor prova de que eles não *padeciam do perfeito equilíbrio* das faculdades mentais.

Habilidade trabalhada: Reconhecer a carga semântica de afetividade, de crítica ou de ironia no emprego de verbos e adjetivos.

Resposta comentada

Antes de responder a essa questão, é necessário esclarecer o conceito de ironia e citar exemplos do cotidiano para que haja uma melhor compreensão, podendo ser usado o seguinte quadro:

IRONIA	
Conceito	Exemplo
Figura de linguagem que consiste em declarar o oposto do que na realidade se pensa.	A professora diz ao aluno mal comportado e que não fez as atividades propostas em sala de aula:

	- Muito bem! Está caminhando para o progresso!
<p>Explicação: Como o aluno que não se comporta direito, não estuda e não faz as atividades solicitadas pela professora pode ir bem na escola? A verdade é que, no enunciado, a professora quis dizer o oposto: o aluno está indo muito mal e indo contra o desenvolvimento de seu aprendizado, já que não quer estudar.</p>	

É sugerido comentar que, tanto no cotidiano quanto na Literatura, a ironia é compreendida pelo contexto da enunciação. No exemplo acima, o que está implícito pela interpretação do leitor é considerado. Na Literatura, é importante estudar o estilo do autor, a rede de explícitos e implícitos, além de possíveis intertextualidades que podem estar influenciando uma obra na ocorrência da ironia. Muitas vezes, o leitor resgata conhecimentos que tem de política e sociedade para compreender um texto literário. Isso ocorre na complexidade da ironia machadiana, que envolve toda a situação absurda proposta pelo conto “O alienista”. Para tornar isso mais explícito, o professor pode expor para a turma o seguinte quadro:

CARACTERÍSTICAS DO CONTO “O ALIENISTA”
<ul style="list-style-type: none"> • Crítica social e política: a busca de vantagens pessoais na política, a submissão de representantes do povo diante da decisão de Simão Bacamarte do recolhimento para a Casa Verde, o poder de comando da Câmara; • Visão irônica de Machado de Assis perante os aspectos negativos que mostram a frustração humana: o humor é usado para criticar a hipocrisia humana, produzida por um sistema social com falta de valores devido à ganância e ao poder; • Visão satírica e irônica da mentalidade cientificista que marca o século XIX : Isso pode ser refletido pelo obstinado empenho do personagem Simão Bacamarte em comprovar suas teorias. É interessante e cômico que, após várias mudanças de perspectiva, ele acabe trancando a si mesmo na Casa Verde.

Lendo os efeitos de sentido do sintagma “profundo sentimento” e do verbo “padecer”, localizados no fragmento do enunciado, pode-se exemplificar a ironia do conto “O alienista”. No caso de “profundo sentimento”, percebe-se o uso da ironia, pois o objetivo maior de Simão Bacamarte era exatamente o diagnóstico e tratamento da loucura. No entanto, se ele fosse contra os interesses da Câmara, ele teria frustrado seus métodos e objetivos médicos, já que precisava da autorização dos vereadores para trabalhar. Assim, apesar de declarar que lamentaria, o fato é que recolher ou não os vereadores para tratamento não seria tão importante para o médico, desde que isso não impedisse o prosseguimento de suas pesquisas.

Já em “padeciam do perfeito equilíbrio”, é perceptível a ironia do olhar crítico machadiano em relação ao comportamento dos políticos. Logo de imediato, destaca-se o uso irônico do verbo padecer. Afinal, como estar mentalmente equilibrado poderia significar algum sofrimento? Neste momento da narrativa, Bacamarte, depois de ter tentado curar problemas de caráter, resolve se voltar para as pessoas de extremas virtudes. De acordo com o médico, essas precisariam de tratamento. No texto gerador III, a Câmara autoriza o recolhimento dessas pessoas, mas deixa claro que tal autorização não inclui os próprios vereadores. Aqui, Machado aprofunda sua crítica, pois, se os políticos não costumavam ser consideradas as pessoas mais virtuosas não precisariam se preocupar em serem recolhidos à Casa Verde. Entretanto, um vereador achou injusta a exceção votada pela Câmara e se manifestou. Por ter sido o único político a agir com lisura e ética, defendendo direitos e deveres iguais para políticos e cidadãos comuns, o vereador Galvão foi recolhido para tratamento. Trata-se de uma grande ironia, pois o único político honesto e equilibrado acabou preso. Diante disso, é possível refletir sobre a postura adotada pelos políticos, preocupados tão somente com seus próprios interesses desde aquela época, indo contra a lógica do perfeito equilíbrio. É interessante mostrar o humor machadiano aliado a esse senso crítico.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 7

A coesão é mecanismo de integração do texto e fator importante na construção da coerência textual. Ela pode ser do tipo **referencial**, quando, por exemplo, retoma ou antecipa algum termo, como em “Fui obrigado a dar meu cachorro, mas nunca deixei de amar aquele cão.” ou **sequencial**, quando se ordena a sequência no tempo, no espaço, por ordem de assunto etc. ou que estabelece algum tipo de relação entre os segmentos através dos conectores. Em “Antes da meia-noite aquele trabalho não estará pronto”, por exemplo, o sequenciador “antes da meia-noite” estabelece a ordem temporal para que um determinado trabalho se complete.

Tendo em vista as noções de coesão aprendidas, observe os fragmentos e responda:

Fragmento 1 –

“O argumento principal **deste magistrado** é que a Câmara legislando sobre uma experiência científica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das consequências da lei; a exceção era odiosa e ridícula. Mal proferira estas duas palavras, romperam os vereadores em altos brados contra a *audácia* e *insensatez* do **colega**”.

- 1) A que elemento do texto fazem referência os termos “deste magistrado” e “colega” no fragmento 1?
- 2) A que ideia fazem referência os termos **audácia** e **insensatez**, presentes na passagem acima transcrita (penúltima linha)?

Fragmento 2 –

E porque a experiência da **Câmara** tivesse sido dolorosa, estabeleceu ela a cláusula de que a autorização era provisória, limitada a um ano, para o fim de ser experimentada a nova teoria psicológica, podendo a **Câmara** antes mesmo daquele prazo mandar fechar a Casa Verde, se a isso fosse aconselhada por motivos de ordem pública.

- 3) Substitua o **segundo** termo grifado no fragmento 2, extraído do segundo parágrafo do texto, por outro que estabeleça com o primeiro uma relação de coesão referencial coerente.
- 4) A expressão “**antes mesmo daquele prazo**”, também retirada do fragmento 2, apresenta dois tipos de coesão: a sequencial e a referencial, visto que ao mesmo tempo em que marca uma ordem temporal, retoma algo que já havia sido dito. A expressão “daquele prazo” retoma “limitada a um ano”, configurando-se como o tipo de coesão que chamamos referencial. E o sequenciador “antes”, a que tempo remete?

Habilidade trabalhada: Identificar e empregar mecanismos de coesão referencial e sequencial.

Resposta comentada

- a) A expressão “deste magistrado”, considerando que a frase em que está inserida é “o argumento principal deste magistrado” e que esta, por sua vez, vem na sequência que segue a informação de que o vereador Galvão havia reclamado da exceção criada pela Câmara, permite concluir que deste magistrado faz alusão a esse mesmo vereador. Exposto o argumento do político, a reação dos membros da Câmara foi romperem “em altos brados contra a audácia e insensatez do colega”, do que se conclui que **colega** também se refere ao **vereador Galvão**. Seria interessante que o professor chamasse a atenção dos alunos para o uso do pronome “deste” em vez de “desse” no texto, mostrando que essa diferenciação, embora esteja se perdendo no dia a dia, indica maior (deste) ou menor (desse)

proximidade do termo referido. Seria também o caso de mostrar a diferença coesiva que se pode estabelecer quando se usa deste e daquele. O professor poderia usar o seguinte exemplo, extraído do texto gerador:

O vereador Freitas propôs também a declaração de que, em nenhum caso, fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados: cláusula que foi aceita, votada e incluída na postura apesar das reclamações do vereador Galvão. O argumento principal **deste** magistrado (...)

O pronome demonstrativo **deste** vai retomar o nome do magistrado citado por último, porque está mais próximo do pronome. Sendo assim, ao dizer “deste magistrado”, o que se retoma é o nome do vereador Galvão. Se, entretanto, o autor tivesse dito “**daquele** magistrado”, a referência seria o nome do primeiro magistrado citado, por se localizar mais distante do pronome utilizado. Sendo assim, estaria fazendo referência ao vereador Freitas, o que, neste caso, configuraria uma incoerência, visto que ele não poderia reclamar, opondo-se à própria proposta.

- b) É possível chamar a atenção do aluno para o uso irônico que Machado de Assis faz dos adjetivos na caracterização dos argumentos do vereador Freitas e nos substantivos usados para referir-se aos argumentos do vereador Galvão. A *insensatez* atribuída à proposta do vereador Galvão referia-se à ideia de ele considerar **ridículo** e **odioso** que os vereadores estabelecessem a exigência de serem excluídos de uma experiência científica para a qual estavam dando seu aval. Criavam uma lei da qual se colocavam a salvo, por força da própria lei, que previa a exceção. O vereador Galvão considerou esse ato odioso e ridículo. Os demais vereadores, por sua vez, consideraram a proposta de retirar a exceção ao mesmo tempo uma *audácia* e uma *insensatez*. O autor, ao usar esses termos para demonstrar como os vereadores classificavam a opinião do vereador Galvão,

deixa clara a crítica em tom de ironia que faz à atitude dos políticos de então, que não procediam com ética e correção ao criar uma lei que não se aplicava a eles.

- c) Visto que Câmara refere-se à Câmara Municipal, o professor pode mostrar as possibilidades para uma substituição sem prejuízo de sentido do texto original. Nos dicionários, é possível encontrar os seguintes sinônimos para o termo que a ser trocado:

Câmara Municipal: Casa legislativa, Casa Parlamentar, Casa.

Se optarmos por utilizar simplesmente “Casa”, o texto fica assim:

E porque a experiência da **Câmara** tivesse sido dolorosa, estabeleceu ela a cláusula de que a autorização era provisória, limitada a um ano, para o fim de ser experimentada a nova teoria psicológica, podendo a **Casa** antes mesmo daquele prazo mandar fechar a Casa Verde, se a isso fosse aconselhada por motivos de ordem pública.

- d) É importante mostrar aos alunos a necessidade de considerar todas as palavras e expressões no contexto em que foram utilizadas. Assim, “antes mesmo daquele prazo” remete ao prazo de um ano estabelecido pela autorização provisória, que definia que esta autorização estaria “limitada a um ano”. Ora, mais à frente, ao definir que a Câmara poderia “mandar fechar a Casa Verde” antes mesmo daquele prazo, o texto localiza esse possível momento em algum tempo posterior ao início do funcionamento e anterior à data em que a Casa de Simão Bacamarte completaria um ano desde sua abertura.

TEXTO GERADOR IV

O romance “O mulato”, escrito por Aluísio Azevedo e publicado em 1881, é considerado marco inicial do Naturalismo no Brasil. A narrativa aborda o preconceito racial sofrido por Raimundo, jovem mulato recém-chegado da Europa e que deseja se casar com Ana Rosa. A obra mostra a sociedade maranhense que, como o restante do país, sofreu influências das teorias raciais pseudocientíficas do século XIX. A partir deste gerador, serão abordadas questões de leitura e de uso da língua.

CAPÍTULO 12

(...) E Raimundo antejulgava perfeitamente que aquele empenho de Manuel em negar-lhe a filha, longe de **arredá-la** do seu amor, mais e mais o empurrava para ela, ligando-a para sempre ao seu destino.

— Terá sua filha alguma secreta **enfermidade**, que levasse o médico a proibir-lhe o casamento? Terá algum defeito **orgânico**?...

— Oh! Com efeito! O senhor tortura-me com as suas perguntas!... Creia que, se eu pudesse dizer-lhe a causa de minha recusa, tê-lo-ia feito desde logo! Oh! Raimundo não pôde conter-se e **disparatou**, fazendo **estacar** o seu cavalo.

— Mas o senhor deve compreender a minha insistência! Não se diz assim, sem mais nem menos, a um homem que vem, legítima e conscienciosamente, pedir a mão de uma senhora, que a isso o autorizou. Não lha dou, porque não quero! Por que não quer?! Porque não! Não posso dizer o motivo!... É boa! Tal recusa significa uma ofensa direta a quem faz o pedido! Foi uma **afronta** à minha dignidade. O senhor há de concordar que me deve uma resposta, seja qual for! Uma desculpa! Uma mentira, muito embora! Mas, com todos os diabos! É necessária uma razão qualquer!

— É justo, mas...

— Se me dissesse: Oponho-me ao casamento, porque antipatizo solenemente com o seu caráter. Sim senhor! Não seria uma razão **plausível**, mas estaria no seu direito de pai, mas o senhor...

— Perdão! Eu não podia dizer semelhante coisa, depois de o haver elogiado por várias vezes, e ter-me declarado, como repito, seu amigo e seu apreciador...

— Mas então?! Se é meu amigo, que diabo! Diga-me a razão com franqueza! Tire-me, por uma vez, deste maldito inferno da dúvida! Declare-me o segredo da sua recusa, seja qual for, ainda que uma revelação esmagadora! Estou disposto a aceitar tudo, tudo! Menos o mistério, que esse tem sido o tormento da minha vida! Vamos, fale! Suplico-lhe por... aquele que caiu assassinado!- E apontou na direção da cruz. Era seu irmão e dizem que meu pai... Pois bem, peço-lhe por ele que me fale com franqueza! Se sabe alguma coisa dos meus antepassados e do meu nascimento, conte-me tudo! Juro-lhe que lhe ficarei reconhecido por isso! Ou, quem sabe? Serei tão desprezível a seus olhos, que nem sequer lhe mereça tão miserável prova de confiança?...

— Não! Não! Ao contrário, meu amigo! Eu até levaria muito em gosto o seu casamento com a minha filha, no caso de que isso tivesse lugar!... E só peço a Deus que lhe depare a ela um marido possuidor das suas boas qualidades e do seu saber; creia, porém, que eu, como bom pai, não devo, de forma alguma, consentir em semelhante união. Cometeria um crime se assim procedesse!...

— Com certeza há parentesco de irmão entre ela e eu!

— Repare que me está ofendendo...

— Pois defenda-se, declarando tudo por uma vez!

— E o senhor promete não se revoltar com o que eu disser?...

— Juro. Fale!

Manuel sacudiu os ombros e resmungou depois, em ar de confiança:

— Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...

— Eu?!

— O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...

Raimundo tornou-se lívido. Manuel prosseguiu, no fim de um silêncio:

— Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor, porém, não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!... O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora.

— Eu nasci escravo?!...

— Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo.

Raimundo abaixou a cabeça. Continuaram a viagem. E ali no campo, à sombra daquelas árvores **colossais**, por onde a espaços a Lua se filtrava tristemente, ia Manuel narrando a vida do irmão com a preta Domingas. Quando, em algum ponto **hesitava** por delicadeza em dizer toda a verdade, o outro pedia-lhe que prosseguisse francamente, guardando na aparência uma tranquilidade fingida. O negociante contou tudo o que sabia.

— Mas que fim levou minha mãe?... a minha verdadeira mãe? Perguntou o rapaz, quando aquele terminou. Mataram-na? Venderam-na? O que fizeram dela?

— Nada disso; soube ainda há pouco que está viva... É aquela pobre idiota de São Brás.

(...)

— Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; a razão pela qual D. Amância lhe oferecera um espelho e lhe dissera: Ora mire-se! a razão pela qual, diante dele, chamavam de meninos aos moleques da rua. Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejara e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; aquela palavra dizia-lhe brutalmente: Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste, só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe, lembra-te bem, foi escrava! E tu também o foste!

(AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/omulato.pdf>. Acesso em: 10/02/2013. p. 203-207.)

Afronta: injúria.

Arredá-la: afastá-la.

Colossais: enormes.

Disparatou: desvairou-se.

Enfermidade: doença.

Estacar: fazendo parar, tornar imóvel.

Hesitava: estava incerto ou perplexo a respeito do que se há de dizer ou fazer.

Orgânico: diz-se da doença em que a perturbação funcional se origina de uma lesão dos órgãos.

Plausível: aceitável.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 8

No fragmento acima, retirado do romance naturalista “O mulato”, de Aluísio Azevedo, o pai da noiva reage contra o casamento de Raimundo e Ana Rosa, alegando que, por ser negro, filho de escrava, o rapaz não estaria autorizado a concretizar seu desejo. Diante disso, responda:

- Manuel Pescada se recusa a conceder a mão de Ana Rosa a Raimundo. Identifique o momento em que Raimundo descobre o motivo de tal rejeição e explique a reação dos personagens.
- Como Manuel Pescada expõe a posição contrária ao casamento entre Raimundo e Ana Rosa? E o que isso diz sobre a sociedade da época?

Habilidade trabalhada: Relacionar a literatura realista/naturalista ao contexto sócio-histórico.

Resposta comentada

A. Para responder ao primeiro item, é importante que o professor comente que, na cena, há um suspense, um mistério que envolve os personagens. O pai de Ana Rosa deseja contar o motivo de sua rejeição ao noivo de sua filha, mas não tem coragem, demonstra certa restrição. Consciente do que está fazendo, Manuel Pescada sabe que está agindo com injustiça, já que está julgando o rapaz pela sua cor e não pelo seu caráter.

34

Devido à insistência de Raimundo, Pescada finalmente explica que Raimundo é um homem de cor e, por isso, não poderia casar com sua filha. Por outro lado, o pai de Ana Rosa faz ponderações quanto ao bom caráter do rapaz.

O PRECONCEITO DE PESCADA	O CARÁTER
“— O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...”	“O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração...”
A posição de Manuel Pescada: “Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo!”.	

Depois de apresentar esse quadro, é importante destacar as reações dos personagens, tais como o distanciamento, a frieza e o preconceito de Manuel Pescada. Por outro lado, a tristeza, a mágoa, a submissão de Raimundo ao abaixar a cabeça na cena, mas, ao mesmo tempo, querendo saber o que havia acontecido com sua mãe, que ainda estava viva.

Para melhor rendimento deste item, sugere-se a relação de causa e consequência estabelecida pelos enunciados, como exposto no quadro a seguir:

ENUNCIADOS	REAÇÕES
— Terá sua filha alguma secreta enfermidade, que levasse o médico a proibir-lhe o casamento? Terá algum defeito orgânico?... (Enunciado de Raimundo)	Ansiedade e curiosidade de Raimundo.
— Mas o senhor deve compreender a minha insistência! Não se diz assim, sem mais nem menos, a um homem que vem, legítima e conscienciosamente, pedir a mão de uma senhora, que a isso o autorizou. Não lha dou, porque não quero! Por que não quer?! Porque não! Não posso dizer o motivo!... É boa! Tal recusa significa uma ofensa direta a quem faz o pedido! Foi uma afronta à minha	Irritação, nervosismo, ansiedade de Raimundo diante da falta de esclarecimento de Manuel, pai da noiva.

<p>dignidade. O senhor há de concordar que me deve uma resposta, seja qual for! Uma desculpa! Uma mentira, muito embora! Mas, com todos os diabos! É necessária uma razão qualquer! (Enunciado de Raimundo)</p>	
<p>— Mas então?! Se é meu amigo, que diabo! Diga-me a razão com franqueza! Tire-me, por uma vez, deste maldito inferno da dúvida! Declare-me o segredo da sua recusa, seja qual for, ainda que uma revelação esmagadora! Estou disposto a aceitar tudo, tudo! Menos o mistério, que esse tem sido o tormento da minha vida! Vamos, fale! Suplico-lhe por... aquele que caiu assassinado!- E apontou na direção da cruz. Era seu irmão e dizem que meu pai... Pois bem, peço-lhe por ele que me fale com franqueza! Se sabe alguma coisa dos meus antepassados e do meu nascimento, conte-me tudo! Juro-lhe que lhe ficarei reconhecido por isso! Ou, quem sabe? Serei tão desprezível a seus olhos, que nem sequer lhe mereça tão miserável prova de confiança?... (Enunciado de Raimundo)</p>	<p>Reação de Raimundo: atormentado, irritado, ansioso por uma resposta de Manuel.</p>
<p>— Com certeza há parentesco de irmão entre ela e eu! (Enunciado de Raimundo)</p>	<p>Manuel Pescada sente-se ofendido.</p>
<p>— Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava... — O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade... (Enunciado de Manuel Pescada)</p>	<p>Raimundo tornou-se pálido.</p>
<p>(...) O senhor, porém, não imagina o que é por cá a prevenção contra os</p>	<p>Raimundo abaixou a cabeça. Tristeza, irritação, injustiça, revolta.</p>

<p>mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!... O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora.</p> <p>— Eu nasci escravo?!...</p> <p>— Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo. (Enunciado de Manuel)</p>	<p>Diante da palavra “mulato”, Raimundo reflete sobre o preconceito da sociedade maranhense da época:</p> <p>“Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele.”</p> <p>“Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejara e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família (...).”</p>
--	---

B. Para responder ao item B, o professor precisa explicar as ideias científicas e filosóficas da época, destacando o determinismo, corrente criada por Hypolyte Taine que se baseia no comportamento humano baseado no meio, na raça e no momento histórico. Nas narrativas naturalistas, também chamadas romances de tese, há franca exploração do determinismo, visto que os textos exploram relações de causa e efeito entre a etnia e meio social dos personagens e seus destinos.

No fragmento em análise, é possível destacar os comentários preconceituosos de Manuel Pescada que vão desde a revelação da problematização da cor até a perspectiva racista da sociedade maranhense da época. O personagem explica que não há possibilidade de casamento devido às seguintes questões relativas a Raimundo:

- O rapaz era filho de uma escrava;
- Raimundo era um homem de cor, ou seja, negro;
- O grande risco de Ana Rosa e sua família sofrerem a rejeição da sociedade maranhense;
- O respeito à promessa feita por Manuel à sogra, o que significava permitir que Ana Rosa se casasse apenas com um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses.

Isso fica claro no seguinte trecho:

O DISCURSO DE MANUEL PESCADA E O PRECONCEITO

Manuel sacudiu os ombros e resmungou depois, em ar de confiança:

— Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...

— Eu?!

— O senhor é um homem de cor!... Infelizmente esta é a verdade...

(...)

— Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi muito escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor, porém, não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!... O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora.

Ao lançar mão de tais argumentos, o personagem Pescada recorre ao senso comum da época, que sofria grande influência do determinismo. Essa e outras correntes ideológicas chegaram a buscar na ciência fundamentos para a legitimação dos preconceitos. Dessa forma, a posição de Pescada sintetiza a postura de toda a sociedade daquele tempo. A partir da revelação do pai de Ana Rosa, Raimundo desenvolve uma reflexão que demonstra nitidamente a preconceituosa sociedade maranhense de então, o que pode ser observado na passagem:

— Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; a razão pela qual D. Amância lhe oferecera um espelho e lhe dissera: Ora mire-se! a razão pela qual, diante dele, chamavam de meninos aos moleques da rua.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 9

Em sua estrutura, as orações apresentam termos considerados integrantes. Tais termos são constituídos por objetos direto e indireto, complemento nominal e agente da passiva, que possuem o papel de completar o sentido de verbos e nome (no caso do complemento nominal). A partir disso, responda:

- Analise, no recorte abaixo, a expressão “**contra os mulatos**”. Considerando o termo que ela completa, pode-se afirmar que se trata de que termo integrante da oração? Justifique.

“O senhor, porém, não imagina o que é por cá a prevenção **contra os mulatos!**... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!”

- Identifique um **objeto direto** na passagem.

“ Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue.”

- Leia o trecho seguinte e identifique um **objeto direto** e um **objeto indireto**.

“Quando, em algum ponto hesitava por delicadeza em dizer toda a verdade, o outro pedia-lhe que prosseguisse francamente, guardando na aparência uma tranquilidade fingida.”

Habilidade trabalhada: Reconhecer os termos integrantes da oração

Resposta comentada

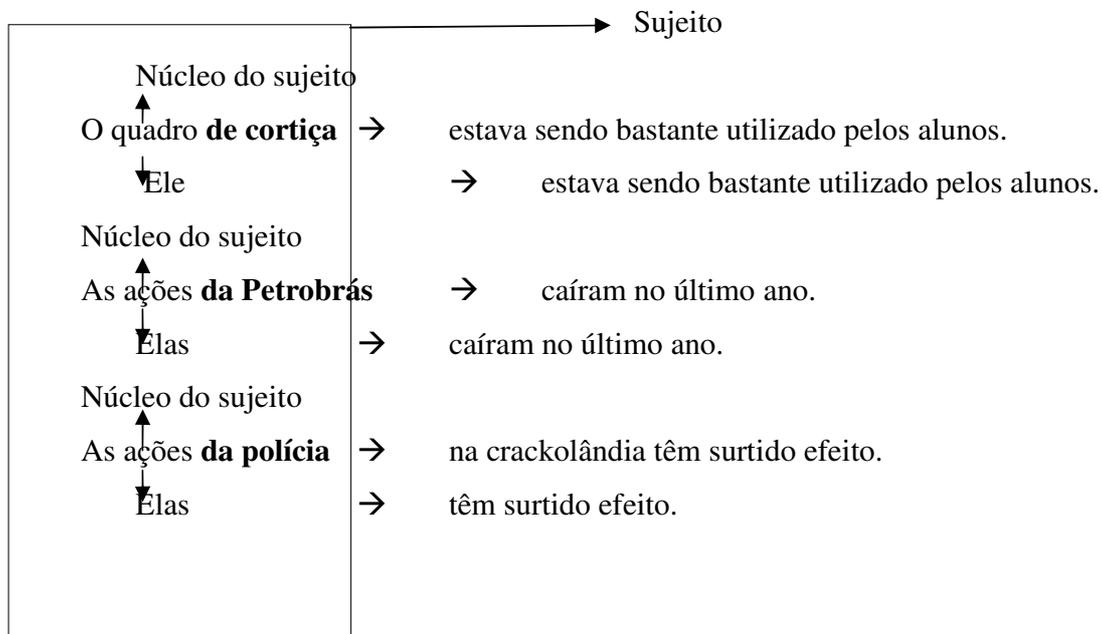
- Em primeiro lugar, devemos considerar que a expressão em questão completa o sentido do substantivo prevenção. Em seguida, podemos constatar que esse substantivo, na acepção em que foi utilizado, exige um complemento, visto que quem tem prevenção, o tem contra algo ou alguém. Sendo assim, por completar o sentido de um nome, a expressão “contra os mulatos” constitui-se como um **complemento nominal**. É possível aproveitar a questão para alertar aos alunos

que o adjunto adnominal não é um termo necessário para completar o sentido de um nome. É importante mostrar que os adjuntos adnominais podem ser descartados, sem prejuízo de sentido da frase. Contudo, pode haver confusão entre os complementos nominais e os adjuntos adnominais preposicionados. Para ajudar a demonstrar essa diferença, segue uma breve lista que dá algumas dicas de quando o termo preposicionado é um adjunto adnominal e não um complemento nominal.

CASOS DE ADJUNTOS ADNOMINAIS PREPOSICIONADOS	
Palavras com preposição que vêm após o núcleo de determinada função sintática, desde que esse núcleo seja um substantivo concreto.	O quadro de cortiça estava sendo bastante utilizado pelos alunos.
Palavras com preposição de , dentro da função sintática, que indicarem posse:	As ações da Petrobrás caíram no último ano.
Palavras com preposição que pratiquem a ação contida no núcleo da função sintática.	As ações da polícia na crackolândia têm surtido efeito.

O que se pode observar no quadro acima é que os termos **quadro** e **ações** não exigem um complemento e que podem com facilidade ser descartadas nas frases acima. Um bom modo de se verificar isso é substituindo o núcleo da função sintática na qual se encontram tais complementos por pronomes.

Nos exemplos dados, os adjuntos estão no sujeito da oração. Vejamos:



- Observando a passagem:

“Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue.”

É possível verificar um primeiro objeto direto, que completa o sentido do verbo explicar: **tudo** é o objeto direto do verbo explicar (explicava). Os elementos resumidos pelo termo “tudo” são constituídos de algumas orações, por isso é possível encontrar nelas outros objetos diretos, como “sobre os seus antepassados”, completando o verbo falar; “questões de raça e sangue”, completando o verbo discutir.

- Observando o trecho:

“Quando, em algum ponto hesitava por delicadeza em dizer toda a verdade, o outro pedia-lhe que prosseguisse francamente, guardando na aparência uma tranquilidade fingida.”

É possível identificar objetos diretos relacionados aos verbos “dizer”, “guardar” e “pedir”, sendo que este último apresenta também um objeto indireto.

Dizer – “Dizer toda a verdade” – Objeto direto: toda a verdade

Guardar – “guardando na aparência uma tranquilidade fingida” – Objeto direto: uma tranquilidade fingida.

Pedir – Objeto direto – “que prosseguisse francamente”.

Neste caso, vale chamar a atenção dos alunos para o fato de que o objeto direto é uma oração e que isso ocorre muitas vezes em textos mais elaborados.

Pedir – Objeto Indireto - “lhe”, pronome oblíquo que usualmente atua na função de objeto indireto e que indica, aqui, a quem se pede algo.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 10

Leia atentamente o fragmento a seguir:

No século XIX, as diferenças entre os grupos humanos tenderam a ser explicadas pelas teorias raciais, que se apresentaram como um discurso científico. Serviram como legitimadoras do imperialismo europeu, possibilitando a hierarquização da humanidade de forma que o homem branco ocupasse o topo da evolução da espécie, símbolo maior do progresso e da civilização. Estas doutrinas raciais - que ganharam força na Europa no século XIX, através de autores como Darwin (1809-1882), Spencer (1820-1903), Gobineau (1816-1882) e tantos outros - foram bem recebidas entre os intelectuais brasileiros, que buscaram explicar os problemas nacionais e suas soluções através do fator raça.

O racismo do século XIX foi responsável pela constituição de diversas representações que identificavam o branco como inteligente, inventivo e fisicamente sadio; enquanto os demais indivíduos sejam eles mestiços, negros ou amarelos, tenderam a ser ligados à inferioridade biológica, representantes da imoralidade, da barbárie e do atraso.

(In: http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313#_ftn1. Fragmento adaptado)

Você viu, neste Roteiro de Atividades, um trecho da obra de Aluísio Azevedo, “O Mulato”, romance naturalista que aborda o preconceito racial. Ao responder à questão 8,

certamente pôde notar como a visão da sociedade a respeito do negro foi decisiva para o destino do protagonista Raimundo, impedido de se casar com seu grande amor. Na época retratada na narrativa, a ideia de inferioridade de grupos étnicos como negros e indígenas buscava fundamentação científica para se legitimar, o que explica a rejeição sofrida pelo personagem. Hoje, todos sabem que aquela suposta inferioridade não passava de um mito criado para sujeitar e humilhar determinados grupos. Tanto a história quanto a ciência já provaram que as diferenças entre os humanos são apenas superficiais (cor de pele e olhos, tipo de cabelo etc.) e não conferem maior ou menor capacidade a ninguém.

Para se aprofundar mais nesse tema, você está convidado a produzir um texto dissertativo sobre a influência das teorias pseudocientíficas do século XIX nas obras literárias do período. Para ajudá-lo nessa tarefa, você pode seguir estes passos:

- 1º) Pesquisar mais sobre essas teorias e sua assimilação no pensamento brasileiro da época;
- 2º) Listar as principais obras que refletiram, de alguma forma, concepções racistas embasadas cientificamente;
- 3º) Selecionar a(s) obra(s) para comentar. No máximo, três;
- 4º) Levantar os principais aspectos de cada obra escolhida, observando como a questão foi desenvolvida, sem perder de vista a contribuição de cada texto para criticar ou denunciar preconceitos;
- 5º) Fazer um roteiro prévio para a introdução, desenvolvimento e conclusão do texto a ser produzido.

Caso precise de auxílio para estruturar o seu texto, peça ao seu professor.

Agora, mãos à obra!

Habilidade trabalhada: Elaborar texto dissertativo sobre os textos literários estudados, considerando a influência que sofreram das teorias raciais pseudocientíficas do século XIX.

Comentário

Para ajudar o aluno na produção textual deste ciclo, é importante abordar o contexto do século XIX e a influência das concepções europeias no Brasil. Vale ainda comentar com a turma como a intelectualidade brasileira lidou com tais ideias que, no geral, condenavam a mistura entre povos de origens diferentes. O momento pode ser oportuno para refletir sobre como passamos a nos relacionar com a miscigenação que, finalmente incorporada a nossa identidade cultural, tornou-se um modo positivo de nos afirmarmos para o mundo⁴. Como o tema pode render grandes debates, é importante não perder o foco da produção textual. Para isso, o professor pode apresentar e comentar algumas obras de Aluísio Azevedo, como “Casa de Pensão” e “O Cortiço”, que será explorada em nosso próximo ciclo. Ao lado de “O Mulato”, esses romances permitem contemplar a habilidade prevista para a questão.

No que tange à etapa de pesquisa, pode ser útil orientar os alunos a buscar alguns aspectos na(s) obra(s) escolhida(s) para o trabalho. Assim, será possível destacar o grupo étnico em foco, o meio social retratado e as principais características apontadas, com separação entre as depreciativas e as que poderiam ser consideradas elogiosas. Por fim, vale chamar a atenção da turma para o potencial crítico da(s) obra(s) analisada(s).

Para mais sugestões que auxiliem o desenvolvimento da etapa de produção textual, vale verificar o passo 2 da sequência didática 3 das Orientações Pedagógicas deste ciclo.

⁴ Para ajudá-lo a refletir sobre esse tema, professor, sugerimos o artigo “Racismo e teorias raciais no século XIX: principais noções e balanço historiográfico”, escrito por Flávio Raimundo Giarola. O texto, do qual retiramos o trecho que abre a questão 10, está disponível em: http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=313#_ftn1